

Economia - Brasil
REFLEXOS DA CRISE: Para presidente do BC, não havia alternativa ao choque de juros

'Quem deve pagar o sacrifício são alguns setores, não toda a população'

Gustavo Franco diz que o Brasil precisa ganhar credibilidade perante o mundo

O GLOBO: O ex-presidente do Banco Central Ibrahim Eris acha que se o Banco Central brasileiro tivesse atuado no mercado de bradies poderia ter evitado uma turbulência maior e talvez o choque de juros. O que o senhor acha?

FRANCO: Intervenção no mercado de bradies não vejo como uma coisa que o Banco Central deva fazer. Imagine uma situação que você tem um universo grande de recursos off-shore, operadoras várias vezes alavancadas e o BC se metendo com essa gente. Isso não é trabalho do BC. Existem mercados onde a lei do mercado impera. Não há por que o BC se meter. As pessoas se machucam no mercado de bradies e acham que o BC tem que intervir.

• *Essa crise vai servir para que avance a discussão sobre a criação de um instrumento que evite os ataques especulativos?*

FRANCO: A crise traz uma nova luz sobre o tema da movimentação internacional de capitais. Ontem (quarta-feira) estivemos ana-

lisando a reunião do G-15. Houve uma preocupação coletiva que é o desconforto com o excesso de movimentação e a falta de regras para os capitais internacionais.

• *O Governo precisa do apoio do Congresso para as reformas, mas não tem dinheiro para a barganha política. Como resolver isso?*

FRANCO: Existe uma velha lógica política de que você ganha politicamente quando abre os cofres. Isso não é necessariamente verdadeiro. Você ganha politicamente quando faz a coisa certa.

• *O aumento de juros, além de impopular, se ficar muito tempo vai desestruturar a economia. Os analistas dizem que não é possível manter a taxa alta por mais de dois meses. O que fazer?*

FRANCO: Os juros refletem a situação externa e também o fato de não termos feito o dever de casa. São as reformas, o ajuste fiscal, que precisam se concretizar.

• *Não havia outra alternativa?*

FRANCO Num momento de turbulência esse é o instrumento adequado. Não havia outra coisa a fazer. A duração dessas taxas vai depender da conjuntura econômica, mas queremos que o sacrifício seja localizado. Vamos fazer medidas fiscais que identifiquem com clareza onde cortar, e sonegadores passem a pagar impostos. Tem um sacrifício a fazer, mas queremos que setores mais preparados paguem o sacrifício e não o conjunto da população.

• *E se a recessão aumentar?*

FRANCO Isso não vai acontecer. Arrocho você terá se não fizer as reformas e quiser continuar com inflação baixa. Para não ter recessão, é preciso ter as reformas.

• *Alguns economistas avaliam que o Governo perdeu a chance de desvalorizar o real no início do ano, quando a economia vivia um momento de tranquilidade. O que o senhor acha disso?*

FRANCO: Se a taxa de câmbio hoje tivesse 10% maior não teria mu-

dado nada do que nós passamos. O problema não é o câmbio.

• *O ataque era inevitável?*

FRANCO: A turbulência internacional atingiu a todo mundo. Atingiu o país na proporção do nosso tamanho. Atingiu a Argentina que está quatro anos na nossa frente em termos de reformas.

• *Dá para dizer que o BC tem muita bala na agulha para enfrentar os especuladores?*

FRANCO: Não dá para colocar o BC enfrentando uma horda de especuladores. A situação deve ser colocada de uma forma mais ampla. O BC é um dos elementos de uma Nação. Às vezes defende a Nação, evita que haja impasses, às vezes não consegue e a Nação tem que tomar iniciativas. É mais ou menos a situação que vivemos hoje. Não são as nossas balas que estão na agulha, mas o que o Brasil vai fazer para ganhar credibilidade diante do mundo. Isso envolve Executivo, Legislativo, Judiciário, empresários.